

Conhecer a própria história é o primeiro passo para a mudança

Nascida em Barra, município do interior da Bahia, a professora Francineia Silva, 48 anos, viveu grande parte de sua infância e adolescência na região, onde cresceu e criou laços. Filha de uma educadora da rede pública de ensino e de um eletricitista concursado do Ministério da Saúde, viveu uma vida de classe média, sem muitas preocupações.

“Tive bastante brincadeira de rua, com as quais me divertia muito. Meus pais também nos deram muita leitura e incentivaram que fôssemos aos eventos culturais da cidade. Tudo que podiam, nos ofereciam. Além disso, faziam muita festa com a família. A casa estava sempre cheia. Essa foi minha infância e juventude”, relembra.

Vinda para Brasília, em 1993, desejava ter filhos. Assim, aos 36 anos, foi presenteada com a pequena Manuela, 11, e, em seguida, com Milena, 10. Logo se identificou com a maternidade, sempre preocupada em cuidar e fornecer o máximo de experiências possíveis às meninas. “Sinto fascínio imenso em ver o desenvolvimento da criança desde os primeiros passos. Cada fase é uma descoberta mais bonita do que a outra”, conta emocionada.

Racialização

Durante grande parte da vida, Francineia não havia pensado sobre questões ligadas ao racismo. Nos anos 1970/1980, o tema era incipiente e pouco debatido pela família e em outros ambientes frequentados por ela. Isso fez com que esse panorama passasse quase despercebido em meio à rotina.

Francineia com as filhas Milena e Manuela



Foto: arquivo pessoal

“Não conseguia perceber, nem compreender muito bem porque algumas pessoas tinham acesso e outras, não. Como eu tinha acesso à educação e a várias outras coisas, não entendia. Mas ouvia falas acerca disso, principalmente do meu pai, de que ‘preto não fazia isso ou não frequentava tal lugar’”, relata.

Ao chegar à capital, ela trabalhou durante um período em um supermercado. Lá, passou a enxergar melhor esse cenário e a estudar mais sobre a origem dele. “Aos 18 anos, ainda não conseguia entender certas coisas que os clientes falavam para mim. Ou por que, quando eu desejava ter outro cargo na empresa, mesmo sendo mais experiente, outra pessoa era

chamada no meu lugar. Quando me casei, vi que, com meu marido — um homem branco —, era aceita em alguns ambientes e em outros, não. Ao longo do tempo, fui me ‘empretecendo’ — tomando consciência”, descreve.

O projeto

Dessa racialização nasceu o projeto Valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena, no Centro de Educação Infantil 01 (Centrinho), de São Sebastião, onde Francineia leciona. A iniciativa tem como base a Lei nº 10.639, que estabelece inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino. No entanto, essa não foi a única motivação.